



## Texto de Jorge Listopad (1921-2017), escritor e encenador, na morte de Alice Sampaio

9 de junho de 1983, *Diário de Notícias*

### Quanto vale um escritor

A carripana vinha de longe, andando andando, cansada, com a promessa de chegar até à eternidade, mas nem um dia mais. Esse dia chegou.

\*  
\*\*

A escritora, louca, bela, fora de jogo, fora de todos os jogos públicos, literários e sociais, a escritora bárbara, um dos maiores talentos naturais (mas o que é a natureza, neste caso), Alice Sampaio, morreu há menos de um mês. Silêncio total. De acordo com tudo. Quanto vale um escritor morto, em Portugal? E quanto vale vivo? E nem vivo nem morto?

\*  
\*\*

Romance ainda lido e moderadamente saudado, o primeiro, *A Cidade Sem Espaço* (1961), editado sob a chancela da Bertrand. Talvez também por isso ainda registado, tal como o segundo texto romanescos, *O Aquário*. A terceira prosa, *O Dom de Estar Vivo* (Arcádia) já *geysir* do imaginário de origem, da matéria subconsciente da terra e do subsolo, em luta contra o pânico, escutando as vagas superficiais e profundas, indo às raízes das palavras. Processo da civilização: assimetria, avidez, delírio de Lautréamont e Rimbaud, grupos sociais, foras-de-lei, cães domésticos. Agustina de outro lugar, palavras que transbordam. Quantas pessoas teriam lido este terceiro romance, esse Proust viril sendo mulher, esse Joyce rural?

Depois, a peça *D. Leonor, Rainha Maravilhosamente*, tão pouco ortodoxa, quer de

escrita quer de técnica teatral, sem regras de jogo, de uma liberdade extrema que só Artaud seria capaz de amar e Vitor Garcia de fazer, e não os artistas de mérito, mas não habituados a semelhantes façanhas, do então Teatro Nacional de S. Luís.

O seguinte texto teatral, *A Rua da Ronda*, já está ferido na sua energia. O último romance editado, *Penélope* (1.<sup>a</sup> parte), de 1977. Os três derradeiros volumes, a autora editou à sua própria custa Não sabia fazer-se editar, tal como não sabia viver.

\*  
\*\*

*Penélope*: texto desolado, nocturno, embruxado: bebendo em valetas e de novo a crescer para uma liberdade que segue a tempestade de crispação: assim vejo o fluxo de *Penélope*. Há meia dúzia de volumes de *Penélope* em manuscrito algures nessa casa burguesa da Avenida dos Estados Unidos à espera. De leitor? De editor? Do tempo perdido? Do tempo que ela perdeu?

\*  
\*\*

É ruim, o ofício do homem. Guarde o seu orgulhoso e infeliz silêncio, Alice Sampaio! Guardai o vosso silêncio detrás dos reposteiros membros da *intelligentsia* local! Só por engano escrevo isto, e perturbo, ao afiar a pobre faca das minhas palavras na pedra da saudade (é a primeira vez que escrevo esta palavra, nos meus tempos portugueses), da raiva mansa, dos fantasmas dela, Alice Sampaio.